

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO CURSO DE JORNALISMO/UFAC SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Francielle Maria Modesto Mendes¹
Tatyana Sá de Lima²

RESUMO

O uso de tecnologia em sala de aula é um importante debate educacional no Brasil. Contudo, em 2020, a pandemia do novo coronavírus trouxe novos desafios para os professores e alunos sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Diante disso, o presente estudo tem por objetivo discutir sobre a possibilidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na pandemia, com uso de tecnologias, a partir da análise do questionário aplicado aos 212 alunos regularmente matriculados no primeiro semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC, em 2020. Para aplicação do questionário com 22 perguntas foi usada a ferramenta gratuita GoogleForms®, do Google®, que obteve 142 respostas entre os dias 25 de junho a 4 de julho de 2020. Os resultados apontam que a maioria do corpo discente do curso tem computador de mesa/notebook (66,9%) e internet doméstica (86,6%), tendo condições de ter aulas remotas, porém, esses estudantes consultados se negavam a aceitar essa modalidade de ensino (62%), entre outras coisas, pelo fato de muitos colegas não terem recursos técnicos para isso. Apesar disso, a UFAC aprovou o ERE por meio da Resolução nº 11 de 28 de agosto de 2020. O referencial bibliográfico deste estudo é baseado em autores como Moretzsohn (2017), Coscarelli e Ribeiro (2013), Barbosa e Andrade (2020), Moran (2012), entre outros.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Tecnologias; Jornalismo.

ABSTRACT

The use of technology in the classroom is an important educational debate in Brazil. However, in 2020, the new coronavirus pandemic presented new challenges for teachers and students on the use of Information and Communication Technologies (ICTs). Therefore, the present study aims to discuss the possibility of remote education, using these technologies, in the pandemic from the analysis of the questionnaire applied to the 212 students regularly enrolled in the first semester of the Journalism course at the Federal University of Acre - UFAC, in 2020. To apply the questionnaire with 22 questions, the free tool GoogleForms®, by Google®, was used, which obtained 142 responses from June 25 to July 4, 2020. The results indicate that the majority of the student body course has desktop/notebook computer (66,9%) and home internet (86,6%), being able to take remote classes, however, these consulted students refuse to accept this teaching modality (62%), because not all colleagues have the technical resources to do this. Despite this, UFAC approved Resolution nº 11 on August 28, 2020. The bibliographic reference is based on authors such as Moretzsohn (2017), Coscarelli and Ribeiro (2013), Barbosa and Andrade (2020), Moran (2012), and others.

Keywords: Emergency Remote Education; Technologies; Journalism.

1 Doutora em História Social (USP); Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professora do curso de Graduação em Jornalismo, do ProfHistória e da Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade na Universidade Federal do Acre (UFAC).

2 Mestre em Educação (UFAC). Coordenadora e Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC).

INTRODUÇÃO

O uso de tecnologia em sala de aula é um importante ponto de debate para as melhorias na área de educação no Brasil. Todavia, a pandemia do novo coronavírus vivida no país no ano de 2020 trouxe novos desafios para os professores e alunos sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pois com a suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino, iniciou-se uma discussão sobre a realização de aulas remotas emergenciais como recurso para o período em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou distanciamento social como medida preventiva de combate à doença.

Diante disso, o objetivo deste artigo é discutir sobre a possibilidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na pandemia do Covid-19 a partir da análise do questionário aplicado aos 212 alunos regularmente matriculados no primeiro semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC, em 2020. Para aplicação do questionário com 22 perguntas foi usada a ferramenta gratuita GoogleForms®, do Google®, que obteve 142 respostas entre os dias 25 de junho a 4 de julho de 2020.

O formulário foi divulgado na página do curso de Jornalismo no Facebook³, nas páginas pessoais do Facebook dos professores do colegiado e em grupos de whatsapp dos 4 períodos do curso. Por questões éticas e didático-metodológicas, a identidade dos alunos será preservada e a identificação será por número (Aluno1, Aluno 2 etc).

Os principais questionamentos que este artigo pretende responder são: o que o aluno entende por Ensino Remoto Emergencial? como os alunos do curso de Jornalismo observam a possibilidade de ter esse tipo de ensino? Se eles têm estrutura técnica para isso (computador de mesa/notebook com câmera, celular, microfone, internet, impressora etc)? Quais as principais dificuldades e facilidades apontadas pelos estudantes para essa prática de ensino?

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL *VERSUS* EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Segundo Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação (MEC), é possível a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação em instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino. Entende-se Ensino Remoto Emergencial como:

o regime de ensino adotado temporariamente para desenvolver atividades acadêmicas curriculares com mediação pedagógica assentada nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), preferencialmente com o uso de software livre e de código aberto, possibilitando a interação entre estudantes e docentes construindo e desenvolvendo conhecimentos e que prescindem do compartilhamento de um mesmo espaço físico (UFAC, RESOLUÇÃO Nº 11 DE 28 DE AGOSTO DE 2020, p.3).

No senso comum, as pessoas entendem que o remoto está diretamente relacionado com o uso do computador/celular/tablet e internet, mas na verdade, outros recursos também podem ser utilizados pelas instituições de ensino como meios para disseminar o conhecimento. No Acre, por exemplo, foi lançado em 22 de junho de 2020, o programa “Escola em Casa” que permite a realização da carga horária escolar da rede pública à distância por meio de videoaulas e audioaulas que reforçam o ensino que já estava ocorrendo on-line⁴ desde abril do mesmo ano.

3 Jornalismo – UFAC: <https://www.facebook.com/jornalismoufac>

4 As aulas online acontecem no site <https://educ.sec.ac.gov.br/>.

As aulas são transmitidas pela televisão (AmazonSat) e por duas rádios de Rio Branco (Aldeia, Difusora) e outra do Juruá (Verdes Florestas). A ação tem como objetivo aumentar o alcance das aulas remotas para pelo menos 90% dos alunos da rede pública⁵.

Ao contrário disso, a EAD é uma modalidade de ensino que acontece em ambiente virtual de forma planejada e organizada. Esse modelo permite que milhões de pessoas em todo mundo possam avançar em formação inicial e continuada e muitos são os seus benefícios, tais como a facilidade de acesso de divulgação da informação e o baixo custo do ensino (BARBOSA; ANDRADE, 2020).

A utilização destas ferramentas tecnológicas deve ser consciente, organizada e de preferência sem a “fetichização” tão disseminada por alguns estudiosos que pensavam inicialmente que a internet revolucionaria o mundo, permitira a inclusão digital para todos e daria aos sujeitos sociais poder de fala em igual proporção. Para Sylvia Moretzsohn (2017), o sentido mais evidente dessa fetichização da tecnologia:

[..] está em atribuir-lhe o poder de apagar as diferenças postas nas relações sociais do mundo concreto, como se, de fato, todos, subitamente, passassem a ter o mesmo poder de se manifestar e, além disso, como se a manifestação de todos tivesse o mesmo peso (MORETZSOHN, 2017, p. 297).

Para a autora (2017), outro problema seria atribuir poder revolucionário a internet, como fez Manuel Castells, por exemplo, ao escrever o livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, discorrendo sobre as “revoluções do Twitter” da Primavera Árabe. Castells via a internet como espaço de “autonomia” (CASTELLS, 2013, p.II), distante do controle dos governos e das empresas de mídia. Já se sabe que essa premissa não se sustenta e o poder mundial exercido pelo Google, Facebook (Instagram, Whatsapp etc), entre outros, é prova disso. Por isso, Moretzsohn afirma: “É preciso, portanto, ter sempre em perspectiva a dimensão histórica dos fenômenos, para evitar teorizações apressadas sobre o caráter de novidade do que ocorre no momento em que vivemos” (2017, p. 299).

Pierre Levy, outro entusiasta das tecnologias digitais, já apontava no final da década de 1990, que “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p. 22) e que elas podem causar novas órbitas, como, por exemplo, o isolamento, a sobrecarga cognitiva, a dependência, a dominação, a exploração e a bobagem coletiva (rumores e desinformação) (LÉVY, 1999).

Diante disso, a grande tarefa da educação é preparar os jovens para lidar com toda essa tecnologia, além de aprender a selecionar informações, fazer perguntas e discernir o que querem (GUARESCHI; BIZ, 2005). Diante disso, a tecnologia pode ser um suporte neste processo de formação acadêmica e profissional. “Quem faz uso da internet pode ter, hoje, informações sobre quase tudo e instantaneamente” (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 40). Por isso, a educação precisa ter relação com o mundo digital, mas de forma previamente organizada para que todos tenham acesso e se consiga oferecer um ensino de qualidade e amplamente participativo. De acordo com os autores:

Mas uma coisa a internet não pode oferecer: é mostrar o que é mais importante, o que interessa, que prioridade se deve estabelecer. A internet pode dar todas as respostas, mas

5 Informações extraídas do G1/Acre. Disponível em <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/22/no-ac-educacao-lanca-aulas-da-rede-publica-na-tv-e-radio-e-diz-que-acao-e-alternativa-para-salvar-ano-letivo.ghtml>. Acesso em 04 de julho de 2020.

não consegue fazer a pergunta. O que é necessário é mostrar por onde navegar, a que ponto chegar, quando parar. Falta a pergunta orientadora, a pergunta que liberta (GUA-RESCHI; BIZ, 2005, p. 40).

Feitas essas ponderações sobre o uso de tecnologias, inicia-se no tópico a seguir a discussão sobre o Ensino Remoto Emergencial a partir da visão dos 142 alunos do curso de Jornalismo/UFAC, que responderam as perguntas do questionário discente.

ANÁLISE DOS DADOS

O questionário⁶ era composto por 22 perguntas e o aluno levava cerca de 6 minutos para respondê-lo. Ele foi elaborado pela coordenadora do curso de Jornalismo/UFAC, professora Tatyana Sá de Lima e discutido com os demais professores, membros do colegiado do curso, para acréscimos e supressões.

A partir dos questionamentos feitos logo na Introdução deste trabalho, serão realizadas as inferências a respeito das respostas do questionário aplicado aos estudantes de Jornalismo. Entre os itens analisados, a primeira inferência feita é de que os alunos não sabem a diferença entre Ensino Remoto Emergencial e EAD, pois tratam os dois tipos de ensino como sendo sinônimos. Pondera-se, aqui, que a comunidade docente brasileira não chegou a um acordo definitivo sobre a diferença entre esses dois tipos de ensino. Para muitos educadores, trata-se de atividade com mesmo *modus operandi* e finalidade. Diante disso, o conceito usado neste artigo é o propagado pelo Ministério da Educação (MEC) e referendado pela gestão da Ufac.

O questionário não faz uma pergunta direta sobre a diferença entre esses dois tipos de ensino, mas ao responder as perguntas subjetivas (questões 11, 16, 18, 22), os informantes evidenciam o desconhecimento. Isso faz com que apresentem resistência ao ensino não presencial e afirmem inclusive que esse tipo de ensino à distância/ensino remoto é de baixa qualidade e atrapalha a formação profissional do jornalista. Seguem algumas respostas⁷:

6 Nas respostas, o discente precisava indicar primeiro um email válido e apontar os seguintes dados de identificação: 1. Sexo; 2 Faixa etária; 3. Período do curso; Diante disso, ele responderia: 4. Você tem acesso à internet na sua casa? Sim; Não. 5. Se respondeu sim na questão anterior, como você avalia a qualidade do sinal e a velocidade da internet da sua casa. Excelente; Muito Bom; Bom; Regular; Ruim; Péssimo. 6. Você possui computador de mesa ou notebook (com câmera) próprio? Sim; Não. 7. Você possui fone de ouvido com microfone próprio? Sim; Não. 8. Você possui impressora comum ou impressora multifuncional própria em casa? Sim; Não. 9. Você possui celular próprio, com plano de internet mensal? Sim; Não. 10. Você gostaria de que nesse momento de suspensão das aulas a Ufac adotasse aulas remotas virtualmente? Sim; Não. 11. Justifique sua resposta anterior. 12. Se respondeu sim à questão sobre a adoção de aulas remotas online, qual seria, na sua opinião, a melhor plataforma para realização de aulas remotas entre alunos e professores? As opções eram: Google Meet, Zoom, Skype, Jitsi Meet, Outros, Nenhuma das alternativas. 13. Quais seriam suas maiores dificuldades nas aulas remotas neste momento de suspensão das aulas devido a pandemia da Covid-19? (Marque até 3 respostas). As opções eram: Desconcentra-se fácil; Dificuldade em ler na tela do computador, notebook ou celular; Não sabe lidar bem com recursos tecnológicos; Acesso à internet limitado; Não possuir as ferramentas mínimas necessárias, como: notebook ou computador com câmera, celular, fone de ouvido com microfone; Falta de espaço adequado em casa para assistir às aulas; Necessidade de fazer trabalhos em grupos para melhor fixação do conteúdo; Angústia pelo fato do isolamento social; Outro. 14. Quais seriam as facilidades que as aulas remotas lhe proporcionariam neste momento de suspensão das aulas devido a pandemia da Covid-19? (Marque até 3 respostas). As opções eram: Possibilidade de ficar com o conteúdo em dia; Acompanhamento dos professores para não perder o ritmo dos estudos; Estabilidade e segurança diante da incerteza de perder o ano letivo; Possibilidade de rever colegas e professores e de assim voltar a ter uma rede de apoio para os estudos; Outro. 15. Na sua opinião, seus atuais professores estão preparados para oferecer aulas remotas? Sim; Não. 16. Justifique sua resposta anterior. 17. Neste período de suspensão das aulas você pensou em desistir do curso? Sim; Não. 18. Justifique sua resposta anterior. 19. Na sua opinião, quando seria seguro retornar com as aulas presenciais? As alternativas são: Em julho, Em agosto, Em setembro, Em outubro, Em novembro, Apenas em 2021. 20. Nesse período de suspensão das aulas você contraiu a Covid-19? Sim; Não; Tive sintomas, mas não fui testado. 21. Nesse período de suspensão das aulas algum familiar que reside na mesma casa em que você, contraiu a Covid-19? Sim; Não; Teve sintomas, mas não foi testado. 22. Caso deseje, deixe aqui sua mensagem, opinião, sugestão ou crítica sobre a possibilidade de adoção de aulas remotas online pela Ufac.

7 As respostas citadas aqui neste artigo foram copiadas como escritas no formulário. Não houve nenhum tipo de correção ortográfica, supressão ou acréscimo de palavras, além de mudança de qualquer outra ordem.

As aulas EAD não condiz com a realidade de todos os acadêmicos para que possam ter uma acesso em sua máxima eficiência. (ALUNO 3)

Não seria ruim. Mas, deixaríamos de aprender muita coisa, devido a falta de costume e adaptação com EAD. (ALUNO 9)

O rendimento de aulas EAD é péssimo, prejudicando a aprendizagem do aluno e o seu potencial como futuro profissional. (ALUNO 33)

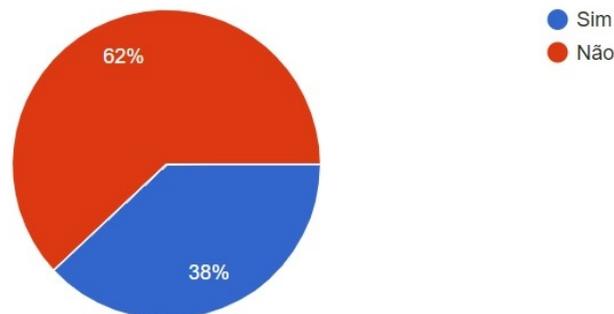
Alguns alunos relatam inclusive “péssimas” experiências com o que chamam de EAD:

O estudo EAD necessita de uma série de componentes intuitivos que complementam as aulas virtuais. Não basta ter aula por vídeo se não tiver uma plataforma, um portal, com tópicos, materiais de auxílio e textos. Tem que ter uma lógica. Recentemente comecei outra faculdade e eles adotaram o modo EAD, mas as aulas ficaram péssimas, não basta apenas dar a aula no vídeo é preciso de apoio à essas aulas. (ALUNO 80)

Do universo pesquisado, 62% (88 respostas) dos alunos se apresentam contra o ensino remoto (questão 10) e a maior alegação é que nem todos os matriculados no curso de Jornalismo têm acesso à internet em casa. O resultado da pesquisa evidencia que o estudante do curso entende que a internet no Acre ainda não é de acesso a todos, não acontecendo a inclusão necessária para esse tipo de ensino. Ver gráfico a seguir:

Figura 1 – Gráfico sobre a adoção de aulas remotas pelo curso de Jornalismo/UFAC.
10. Você gostaria de que nesse momento de suspensão das aulas a Ufac adotasse aulas remotas virtualmente?

142 respostas



Fonte: Formulário preenchido pelos alunos do curso de Jornalismo (2020).

Seguem trechos em que é possível perceber essa preocupação com a falta de acesso à internet doméstica dos colegas:

Individualmente eu não teria problema algum em ter aulas virtuais neste momento, mas, analisando e colocando a situação de colegas que não possuem sequer computador em casa, muito menos uma internet de boa qualidade, me coloco contrário a qualquer movimento de volta precoce e sem o devido planejamento e estrutura geral para todos os alunos. (ALUNO 4)

Tendo em vista a situação de vulnerabilidade socioeconômica de uma parcelas (sic) de estudantes da instituição, o mais apropriado seria, de fato, permanecer com as atividades acadêmicas suspensas. E por se tratar de uma universidade pública, o acesso à educação é um direito a todos. (ALUNO 18)

No Acre, segundo dados do IBGE⁸ (2015), 46% da população tem acesso à internet domiciliar, mas somente 3% desse acesso é por microcomputador e 55,4% por telefone móvel celular, tablet. No caso do curso de Jornalismo, mais da metade dos alunos que responderam o questionário (questão 4) tem acesso à internet doméstica, o que até então era de desconhecimento do próprio corpo discente. Todavia, para muitos, esse acesso ainda é somente pelo celular; ou em computador/notebook, mas com baixa velocidade e/ou compartilhada com outros usuários, como se observam nas respostas a seguir:

Meu celular não tem plano de internet, o dado móvel é de acordo com cada recarga que faço, não tenho wi-fi em casa que possa me proporcionar o ensino a distância. (ALUNO 37)

Não vejo possibilidade de estudar atualmente, sempre que preciso enviar algo preciso ir até minha irmã, pois minha internet 4G da vivo via celular é péssima e não me oferece condições possíveis para acompanhamento da aula, no meu bairro – Alto Alegre, a Oi funciona de maneira precária, toda vez que precisava fazer trabalhos extensos ou que demandavam tempo ia para minha tia (bosque), diante da pandemia, não voltei mais lá... Além disso, não posso sair de casa para demorar, já que tenho uma idosa em casa e que depende parcialmente de mim, minha mãe de 68 anos. (ALUNO 98).

[...] eu não tenho condições pelo simples fato de a internet aqui se dividida com 3 casas, onde cada casa possui 5 pessoas todas com celulares, TV's, computadores etc. A internet fica super lenta e dificulta extremamente o uso. Outra coisa, aqui na minha casa temos somente um computador eu e minha mãe estudamos no mesmo turno. (ALUNO 45)

Das 142 respostas, a maioria dos alunos (25,4%) respondeu na questão 5 que tem sinal de internet Bom; (20,4%) Muito Bom; (6,3%) Excelente, o que totaliza um universo de 52,1% dos alunos com acesso à internet de qualidade. Em contrapartida, (20,4%) disseram que tem internet de qualidade Regular; (14,8%) Ruim; e (12,7%) Péssima. Esses números apontam 47,9% dos alunos com possíveis dificuldades de sinal em caso de aulas remotas via internet.

Ao contrário dos dados do IBGE, que assinalam uma pequena parcela da população acreana com computador/notebook em casa (3% entre os que possuem internet doméstica), 67,6% dos alunos de Jornalismo dizem ter computador de mesa ou notebook com câmera (questão 6). Todavia, sabe-se que ter acesso ao computador é “democratização da informática, mas não necessariamente é inclusão digital” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2017, p. 15) e permite qualidade no ensino remoto emergencial.

Esse percentual de acesso à ferramenta é muito alto e surpreende até o corpo docente do curso, pois consta na Memória de Reunião dos Professores para discutir a possibilidade de aulas remotas, realizada em 8 de junho de 2020, antes da coleta dos dados que: “Todos os membros de colegiado se posicionaram de maneira contrária a retomada das atividades acadêmicas de maneira remota” (UFAC, 2020, p.2). E a justificativa foi exatamente a preocupação dos professores com acesso à internet dos alunos, pois acreditavam que a maioria não teria esse recurso e condições técnicas em casa:

A realidade do aluno inviabiliza qualquer perspectiva de aula remota, pois estes não possuem os recursos técnicos suficientes para isso. Todos os professores relataram algumas das dificuldades relatadas pelos alunos: há discentes que não possuem computador ou internet em casa; outros possuem celular pré-pago, mas, por conta da grande quantidade de dados exigidos é impossível a participação nas aulas; a falta de um ambiente adequa-

⁸ Informações extraídas do site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/pesquisa/44/47044>. Acesso em 04 de julho de 2020.

do, em casa, para assistir as aulas; o compartilhamento de um mesmo computador entre os membros da família; faltam impressoras e outros suprimentos (UFAC, 2020, p.2).

O resultado para a questão número 9 também chama atenção. A pergunta era se os alunos tinham celular próprio com plano de internet mensal. A maioria respondeu que Sim, um total de 64,1%, porém, 35,9% responderam Não. Esse dado corrobora com os números do IBGE (2016) sobre o Acre:

O IBGE apontou também que o celular é o principal meio de navegação na web nas casas dos acreanos. Aproximadamente 97% das residências usam o telefone móvel ao invés do microcomputador, que totalizou um percentual de em torno de 45%. O uso do tablet representa uma porcentagem de apenas 8,2% (G1/ACRE, 29 de dezembro de 2016).

As questões 7 e 8 perguntavam se os alunos tinham fone de ouvido com microfone próprio e se tinham impressora comum ou multifuncional. A maioria respondeu (63,4%) que não tinha fone. Sobre ter impressora, muitos alunos (79,6%) disseram não ter em casa. Essas questões fazem parte do bloco de perguntas sobre a estrutura técnica domiciliar do discente.

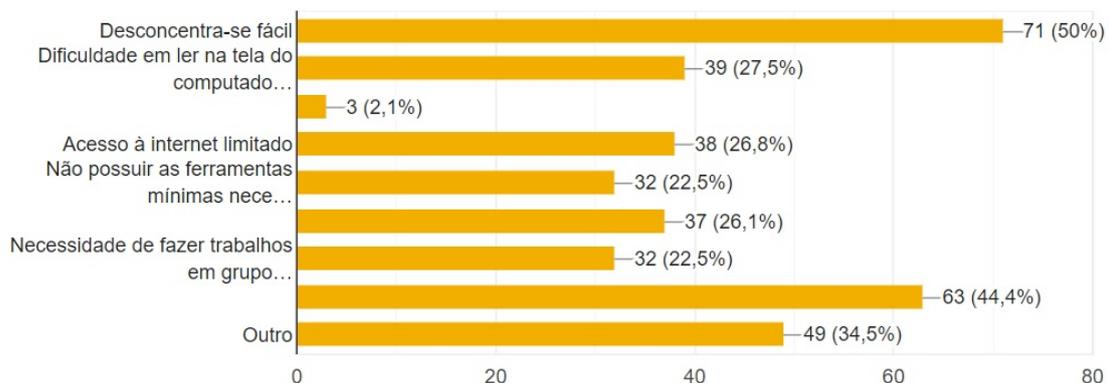
Como a maioria dos alunos não é a favor do ensino remoto, 49,3% dos alunos dizem não achar nenhuma plataforma na internet adequada para esta situação. E 27,5% revelam ter pensado em desistir do curso durante o período da pandemia, como se observa na passagem a seguir: “Pensei em desistir por ansiedade e fobia social relacionadas à pandemia e à quarentena, mas tenho buscado ajuda para superar isso por meio de atendimento psicológico profissional, meditação e etc” (ALUNO 26).

As questões 13 e 14 do formulário perguntavam sobre as dificuldades e facilidades das aulas remotas, respectivamente. Segue o primeiro gráfico:

Figura 3 – Dificuldades dos alunos nas aulas remotas

13. Quais seriam suas maiores dificuldades nas aulas remotas neste momento de suspensão das aulas devido a pandemia da Covid-19? (Marque até 3 respostas)

142 respostas



Fonte: Formulário preenchido pelos alunos do curso de Jornalismo (2020).

As principais dificuldades apontadas pelos alunos são: a desconcentração fácil (50%); angústia pelo fato do isolamento social (44,4%); Outro (34,5%); dificuldade em ler na tela do computador, notebook ou celular (27,5%); falta de espaço adequado em casa para assistir às aulas (26,1%) e acesso à internet limitado (26,8%); não possuir as ferramentas mínimas necessárias,

como: notebook ou computador com câmera, celular, fone de ouvido com microfone (22,5%); necessidade de fazer trabalhos em grupo para melhor fixação do conteúdo (22,5%); não sabe lidar bem com os recursos tecnológicos (2,1%).

Como se espera de um público com faixa etária em torno de 17 a 22 anos⁹ (43% dos alunos informaram essa faixa etária na questão 2), é muito reduzido o número de alunos que afirmam não saber lidar com os recursos tecnológicos. De 142 alunos, apenas 3 marcaram esta opção, o que corresponde aos 2,1% mencionados antes. Apesar da maioria declarar que manuseia bem a tecnologia, houve registro de aluno que afirmou se preocupar com os colegas “com mais idade”, que formam um grupo de 7% no curso (10 pessoas). Segue passagem:

As aulas remotas não é uma boa opção, levando em consideração que existe uma parcela de pessoas que não tem acesso a tecnologia, assim como a parcela das pessoas com mais idade que necessitam da presença do professor para poder entender o conteúdo. (ALUNO 96)

Outro destaque é para a porcentagem de aluno que tem dificuldade em ler na tela do computador, notebook ou celular (27,5%). Como são jovens, poderia se imaginar que eles estavam habituados a leitura em telas luminosas. Esses dados da pesquisa contrariam a ideia de Michel Serres (2013) de que a “Polegarzinha” (esse jovem que passa muito tempo usando o polegar para se comunicar via aparelhos tecnológicos) ocupa outros espaços de aprendizagem, além do livro, dicionários, bibliotecas, laboratórios e não está mais preso ao papel. Não é isso que se percebe nesta pesquisa a partir da resposta de pelo menos 39 informantes.

Salienta-se que a primeira dificuldade apontada – a desconcentração fácil – não é um privilégio das aulas remotas. Há a possibilidade do aluno que se desconcentra na frente do computador também ter dificuldades de atenção em aulas presenciais, principalmente, no caso de aulas teóricas com uma hora e quarenta minutos, que é o período mínimo de aula de uma disciplina presencial no curso de Jornalismo/UFAC. O segundo item apontado – a angústia por causa do isolamento social – também não é algo que tenha relação direta com as aulas remotas. Essa pode ser uma reação do aluno à crise sanitária que toda a sociedade brasileira está vivendo em 2020.

A falta de espaço adequado em casa e a ausência de ferramentas mínimas são dois itens discutidos pelos alunos nas respostas subjetivas em que deixam evidenciado que preferem estudar na Ufac e fazer uso dos serviços que a universidade oferece: “Infelizmente não tenho acesso a internet, nem computador, nem impressora. Todos os equipamentos que eu utilizava nas aulas eram aqueles providos pela o Universidade” (ALUNO 13).

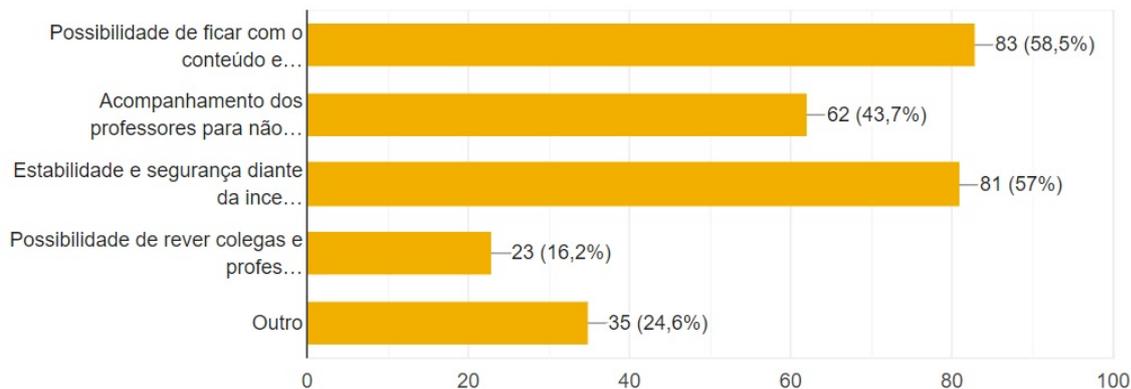
Outro ponto em destaque nos formulários é a preocupação dos alunos matriculados no 8º período (concludentes) e que estão desenvolvendo trabalho de conclusão de curso. Destaca-se que nem todos os alunos do último período estão matriculados na disciplina TCC2, que exige a defesa monográfica. Porém, os concludentes, que foram consultados, falam sobre a dificuldade “em construir o monografia sem biblioteca e sem auxílios [presenciais] dos demais professores, que por vezes tiravam dúvidas” (ALUNO 87) ou solicitam “que sejam adotadas uma postura diferenciada, sendo possível dá andamento as atividades e demais decisões”

9 Lembrando que neste artigo não se trabalha com a ideia já questionada de “nativo digital”, de Marc Prensky (2001). Nativos digitais seriam pessoas nascidas após a popularização do computador e das redes sociais digitais. Neste texto, apenas considera-se que o público mais jovem está mais exposto às tecnologias, o que não necessariamente significa usá-las com segurança e adequadamente.

(ALUNO 81), caso de “defesa de monografias e conclusão do curso, de forma virtual, para os alunos do oitavo período” (ALUNO 80).

O gráfico da questão 14 aponta as principais facilidades destacadas pelos alunos nas possíveis aulas remotas, como se observam a seguir:

Figura 4 - Facilidades dos alunos nas aulas remotas
14. Quais seriam as facilidades que as aulas remotas lhe proporcionariam neste momento de suspensão das aulas devido a pandemia da Covid-19? (Marque até 3 respostas)
142 respostas



Fonte: Formulário preenchido pelos alunos do curso de Jornalismo (2020).

Segundo os alunos, as principais facilidades são: possibilidade de ficar com o conteúdo em dia (58,5%); estabilidade e segurança diante da incerteza de perder o ano letivo (57%); acompanhamento dos professores para não perder o ritmo dos estudos (43,7%); outro (24,6%); possibilidade de rever colegas e professores e de assim voltar a ter uma rede de apoio para os estudos (16,2%). No questionário não havia a possibilidade de especificar no item “outro” quais seriam as demais facilidades, o que se tornou em uma lacuna para a pesquisa.

O item mais escolhido é defendido por alguns alunos nas respostas subjetivas, que destacam ser contra a aula remota, mas afirmam que gostariam de receber conteúdo das disciplinas em que estão matriculados ou fazer alguma atividade acadêmica online durante a pandemia: “manda PDF pelo whatsapp, faz bem básico mesmo, pede uns artigos de acordo com os textos e PDF, tá ótimo” (ALUNO 75); “Pelo menos disponibilizar algum material, dicas de leitura e dicas em geral em relação ao curso” (ALUNO 74); “Eu gostaria que fizessemos alguns trabalhos. É claro, dependendo do trabalho como leituras de texto, filmes, vídeos, exercícios” (ALUNO 105).

Esse pensamento comprova a ideia do autor José Manuel Moran quando afirma: “A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade” (MORAN, 2012, p. 15). Por isso, alguns alunos desejam que a internet seja uma via de contato com outros processos de aprendizagem, não necessariamente em formato tradicional de aula.

Na questão 15, pergunta-se sobre o desempenho dos professores no uso de tecnologias. E 69,7% dos alunos acreditam que o corpo docente está preparado para o ensino remoto, pois já fazem uso de tecnologias em sala de aula: “A maioria dos professores do curso já estão habituados a utilizar novas tecnologias, então não vejo dificuldade para os mesmos neste ponto” (ALUNO 4). Neste item, o discente confunde o uso de recursos tecnológicos em aulas presenciais, pelos professores, com o Ensino Remoto Emergencial, completamente à distância.

Contrariando a confiança dos alunos, os professores ponderaram suas habilidades, questionaram as dificuldades com as atividades práticas do curso e a avaliação das disciplinas, além de cobrarem um planejamento da Universidade para que seja mantida a mesma qualidade do ensino presencial no meio remoto. A seguir, trecho da Memória de Reunião dos Professores realizada em 8 de junho de 2020 com a opinião do colegiado sobre o tema:

Há a necessidade de se elaborar um plano de qualificação para as aulas remotas. Os professores mencionaram que a dinâmica de uma aula remota é totalmente diferente da presencial. Os docentes não possuem qualificação para esse tipo de abordagem.

[...]

Ressaltou-se a importância de debater como seria a avaliação dos alunos em relação às disciplinas que possuem carga horária prática. A universidade não apresentou nenhuma proposta para se pensar sobre a etapa prática das disciplinas. (UFAC, 2020, p.2)

Os professores entendem que as mudanças são constantes no processo de ensino-aprendizagem, mas como afirma Moran: “A educação não evolui com professores mal preparados” (MORAN, 2012, p. 18). Todo processo de transformação perpassa um período de planejamento e de definição de estratégias para o enfrentamento do novo nos processos educativos: “Há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos” (MORAN, 2012, p. 90) e isso precisa ser considerado por todos os envolvidos no ensino.

Por fim, salienta-se que em uma pandemia um importante fator de observação é a saúde dos estudantes. Não seria viável pensar estratégias de ensino se o quadro de alunos doentes fosse considerável. Mas, segundo a pesquisa, 8,5% dos alunos foram contaminados pelo vírus covid-19 e 11,3% tiveram familiares com a mesma doença, o que são números “positivos” quando se observa os dados oficiais da Secretaria de Saúde do Acre¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno do curso de Jornalismo não “fetichiza” o uso da tecnologia para o ensino, ele sabe que a internet não diminuiu as desigualdades sociais e não deu poder a todos os sujeitos. Os informantes da pesquisa apresentaram, em sua maioria, receio do Ensino Remoto Emergencial. E isso pode estar relacionado com a falta de independência do aluno na condução do seu ensino-aprendizagem, pois muitos afirmaram via formulário ainda precisar da presença física do professor e das atividades em grupo para realizar suas práticas acadêmicas.

O trabalho do docente em sala gera confiança no estudante, pois a maioria do alunado diz acreditar plenamente na habilidade e no poder de adaptação dos professores para este tipo de ensino, mesmo não querendo que ele aconteça de fato. Os alunos desconhecem que a mudança de ensino presencial para o remoto exige uma preparação prévia do corpo docente e uma definição de estratégias de ensino junto aos órgãos competentes, o que inclui o colegiado do curso, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e todas as instâncias superiores de ensino da UFAC.

Apesar da recusa inicial, a pesquisa revela que mais da metade do corpo discente investigado tem estrutura técnica para realizar atividades remotas com uso de internet. Em contrapartida, a pesquisa mostra que mesmo fazendo uso dessa tecnologia e de suas facilidades, o discente não

¹⁰ Em 06 de outubro de 2020, o Acre tinha 74.182 casos notificados e 668 óbitos, segundo informações da Secretaria de Saúde do Estado. Disponível em: <https://www.facebook.com/governodoacre/photos/a.349030705166080/3328818883853899/>. Acessado em: 07 de outubro de 2020.

vê vantagens em Ensino à Distância/ensino remoto, precisando, portanto, entender seu funcionamento e eficácia antes que ele aconteça.

Na pesquisa, nota-se também uma preocupação por parte dos alunos concludentes do curso quanto ao atraso da sua formatura. Cabe ao corpo docente do curso elaborar estratégias para que esses alunos possam finalizar sua graduação o quanto antes, dirimindo os danos causados pela suspensão das aulas presenciais.

Além disso, outra demanda apresentada no formulário é sobre atividades de pesquisa e extensão. É necessário traçar um plano de ação, que contemple esses dois pilares durante o período de tempo em que não haverá aulas nem presenciais e nem remotas na instituição. Sempre enfatizando ao corpo discente sem acesso tecnológico doméstico, que essas atividades propostas durante o período da pandemia são integradoras e não obrigatórias.

Apesar da recusa apresentada nos resultados desta pesquisa, a UFAC decidiu pela implementação do ERE em 28 de agosto de 2020. Dos 11 professores atuantes no curso, 5 aderiram ao ERE. Das 18 disciplinas oferecidas no 1º Semestre de 2020, 5 serão ofertadas no período letivo especial (Oficina de Produção Textual 2 – 55 alunos; Assessoria 2 – 35 alunos; Legislação e Políticas da Comunicação – 36 alunos; Jornalismo Especialidade – 48 alunos; TCC 2 – 13 alunos). Percebe-se, portanto, que mesmo recusando a ideia inicialmente, uma grande quantidade de discentes do curso aderiu a esse tipo de Ensino, aceitando a decisão do Conselho Universitário.

Presume-se, então, que isso tenha acontecido em decorrência da não previsão de término da pandemia no estado e da aplicação de vacinas para imunização da sociedade. Além das questões sanitárias, o longo período sem aulas é um fator desmotivante para alguns alunos, como relatado no questionário, o que pode ter gerado uma necessidade de retorno e aceite das condições mesmo que de forma não presencial.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rita; ANDRADE, Vivian. **Educação e novas tecnologias**. Universidade Federal da Paraíba. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 mar. 2020. p. 39.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica Editora, 2017.
- GADELHA, Alcinete. No AC, Educação lança aulas da rede pública na TV e rádio e diz que ação é alternativa para salvar ano letivo. In: G1/Acre. 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/06/22/no-ac-educacao-lanca-aulas-da-rede-publica-na-tv-e-radio-e-diz-que-acao-e-alternativa-para-salvar-ano-letivo.ghtml>. Acesso em: 04 de julho de 2020.
- GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- G1 ACRE. Mais da metade das casas no Acre não tem acesso à internet, diz IBGE. 29 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/12/mais-da-metade-das-casas-no-acre-nao-tem-acesso-internet-diz-ibge.html#:~:text=O%20IBGE%20apontou%20tamb%C3%A9m%20que,de%20apenas%208%2C2%25>. Acesso em: 05 de julho de 2020.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. 'Uma legião de imbecis': hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. In: **Linc em Revista.** Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 294-306, 2017.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** Tradução Roberta de Moraes Jesus de Souza. 2001. Disponível em: https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf. Acesso em: 06 de julho de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. Colegiado do Curso de Jornalismo. **Ata da reunião realizada no dia 8 de Junho de 2020.** p. 1-6.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. Conselho Universitário. **Resolução nº 11, de 28 de agosto de 2020.** p.1-12.

Submissão: 09/11/2020

Aprovação: 01/02/2021